

# PSICANÁLISE

1232

RUBEM BRAGA

NÃO sou muito dado a essas leituras, mas a verdade é que passei uma grande parte da noite às voltas com essa coisa de psicanálise, lendo «El matricídio en la fantasia», edição argentina de um livro de nosso patricio, o professor Valderedo Ismael de Oliveira.

Que complicada é a gente por dentro, quanta coisa no porão se carrega sem saber! Somos todos uma espécie de contrabandista de nós mesmos, quando entro em contato com tais assuntos, não me admiro mais de que haja tantos loucos e birutas no mundo; me espanto é de ver o grande número de pessoas que conseguem ser mais ou menos normais, viver dentro de certas regras, beijando as mãos das damas sem mordê-las e deixando um automóvel passar sem lhe jogar uma pedra.

Se um govêrno benemérito fechasse a imprensa e me obrigasse a procurar outro jeito de vida, creio que o último ofício que eu aceitaria seria o de psicanalista. Redescobrir tôda a tragédia grega na alma de qualquer funcionário público, cutucar todos êsses polvos e arraiais enterrados na lama ou entocados nas pedras, isso deve cansar mais do que tudo, essa intimidade com o bicho humano. A minha mesma intimidade me assusta e aborrece, que dirá a dos outros, é ainda mais que êsses outros, quando procuram o psicanalista, é que já estão bastante destrambelhados por dentro.

Estou pensando neste momento em certas mulheres e, para dizer a verdade, principalmente em uma; fico a imaginar no que ela diria deitada em um consultório. A consciência de que cada um de nós tem lá por dentro aquela porção de cordinhas e alcapões me faz sentir até que ponto eu a conheço pouco e como podem ser estabanados os meus gestos, e quanto uma palavra minha, dita por simples tolice, pode afastá-la (e, o que é pior, já a ter afastado) de mim.

É um pouco aflitivo pensar nisso, nessa cabra-cega em que vivemos todos; no desconhecimento que temos de nós mesmos e das pessoas que mais estimamos.

São reflexões tristes. O melhor é não pensar muito nisso e acreditar, o que talvez seja verdade, que, acima dos gestos e das palavras, o sentimento talvez valha alguma coisa; e que a ternura e o bem-querer devem ter um instinto certo e tocar naquelas zonas indefiníveis da alma em que nem os psicanalistas conseguem explicar nada. Ora, pois: mesmo às cegas burramente, amemos, já que «para isto somos nascidos».

DN-3.6.67

DN-21.9.69

DN-10.9.57

CM-29.1.53

Radio. 1.8.64

M 218

M 719

09/15.5.61

Rev. Ele x Ela  
nº 109

DN-3.6.67

4 e 5 - dom. e 2º m sain

282